

## Índice

“Toda a vida é digna” .....	1
A nova dissidência na esquerda .....	2
“Emociones” .....	4
“Decálogo del buen ciudadano” .....	5

### “Toda a vida é digna”

Xavi Argemí tem 25 anos, mas saboreia certos pormenores da vida como talvez só costumem fazê-lo os mais velhos. Gosta da conversa tranquila, da contemplação do entardecer, da presença de pessoas afetivamente próximas, mesmo quando não tenham nada de extraordinário para dizer...

Padece de uma grave doença: a distrofia de Duchenne, um mal de origem genético que costuma começar a manifestar-se em idade muito precoce, e cujos sintomas vão do enfraquecimento muscular severo, à deformação da coluna vertebral, que acaba por afetar severamente a capacidade pulmonar.

Xavi, no entanto, não vive mergulhado na tristeza. Escreveu um livro: (edição em catalão: [“Aprender a morir per poder viure. Petites coses que fan la vida meravellosa”](#), Rosa dels Vents, 2020), e edição em castelhano: “Aprender a morir para poder vivir. Pequeñas cosas que hacen la vida maravillosa”, Grijalbo Ediciones, 2021), com o qual quer dar a conhecer a sua experiência e ajudar pessoas em situações parecidas. O jovem barcelonês [confessa-se “feliz”](#), e é para ele evidente que aqueles que, por padecerem de doenças graves e incuráveis, encaram a morte como opção, necessitam de companhia, não de um empurrão para essa morte.

Xavi respondeu amavelmente a um questionário enviado por “Aceprensa”. Conta que nasceu em Sabadell e que é o mais novo de nove irmãos. A doença degenerativa “faz-me perder cada vez mais força: passei de caminhar quando era pequeno, para ter de estar numa cadeira de rodas com muito pouca

mobilidade, mas ainda posso movimentar um pouco as mãos. O problema mais grave é o pulmonar, que se pode vir a complicar com qualquer bronquite que venha a apanhar. Atualmente, a esperança de vida é de 30 anos”.

— *Um padecimento desta gravidade pode fazer perder a qualquer pessoa a alegria de viver. O que se passou no seu caso?*

— Tive a sorte de ter sempre ao meu lado a família. O apoio dos meus pais e a sua educação foram fundamentais. Educar-me na fortaleza e, ao mesmo tempo, com naturalidade como mais um. Concretamente, a minha mãe sempre me fez ver o lado positivo da vida: não pensar no que não posso fazer, mas nas possibilidades que ainda tenho, por mais limitações que haja. Neste sentido, ajudou-me a fé, o valorizar as pequenas coisas às quais não damos importância, e o apoio dos amigos e da família.

— *Sabemos que, além do livro que escreveu, está a acabar uma licenciatura...*

— Estou a terminar a licenciatura em Multimédia pela UOC (Universitat Oberta de Catalunya); gosto muito de desenho gráfico e tenho vontade de começar a trabalhar. A ideia do livro surgiu, porque pensei que, explicando a minha experiência de vida, poderia ajudar muita gente com situações e problemas similares. E agora vejo que ajudei muitas mais pessoas do que pensava.

— *A doença não o impediu de dar estes passos. Como está a lidar com isso? Quais foram os seus principais apoios para seguir em frente?*

— Houve um processo de muitas mudanças em relação à doença nos últimos anos. Agora necessito de ajuda para avançar com os trabalhos; não obstante, a tecnologia progrediu muito e isso amplia as minhas possibilidades de fazer mais coisas, embora tenha muitas limitações.

Os pilares fundamentais da minha vida são a família, os amigos, o apoio espiritual que isto engloba, o emocional, o psicológico, e a medicina; no concreto, agora, os cuidados paliativos.

— *Em que medida o ajudaram estes últimos?*

— Fizem-me ganhar em qualidade de vida. Por exemplo, a operação à coluna de 2010 foi muito dura, mas fiquei com ela direita. Se não fosse assim, certamente já não viveria, porque cada vez me encolhia mais e chegaria uma altura em que os pulmões não poderiam fazer bem a sua função.

— *Sofreu alguma vez de desespero, de desalento? Como os supera?*

— Como toda a gente, sou humano e tenho altos e baixos. Tenho de lutar diariamente para voltar a levantar-me e pensar de modo positivo. Tento pensar no que posso fazer e no que posso dar aos outros. Na minha opinião, à medida que nos centramos mais nos outros, somos mais felizes. Também penso que tudo aquilo que faço tem uma transcendência espiritual, ou seja, como sou crente, penso que há outra vida com justiça e felicidade plenas; e que há Alguém que está ao meu lado. Nem todos temos fé, mas possuímos emoções que temos de aprender a gerir.

Xavi deu-nos o seu testemunho precisamente na altura em que o PSOE e o Unidas Podemos impulsionaram a todo o vapor, sem contar com a opinião de especialistas em cuidados paliativos e ignorando a do [Comité de Bioética de España](#), uma proposta de lei de regulamentação da eutanásia para doentes com doenças incuráveis. Esta lei acabou por vir a ser aprovada em março de 2021, entrando em vigor no mês de junho. Existem recursos de inconstitucionalidade dessa lei por parte do Vox e do PP.

Da ligeireza com que os partidos no poder abordaram este assunto, sem se colocarem realmente no lugar dos afetados e fechando os olhos a soluções que não os empurrariam a apressar a morte, também nos falou Xavi.

— *Para alguns, sobretudo no âmbito político, uma “saída” para o desalento que experimentam pacientes de doenças incuráveis seria a eutanásia. A ideia é que, reconhecer esse “direito”, favoreceria a autonomia do doente. Que pensa disso?*

— Penso que não; pelo contrário: penso que faz sentir a muitos doentes que são uma carga para a sociedade e provoca-lhes uma pressão tremenda.

Aquilo de que necessitam os doentes é do apoio da sociedade, que nos tirem a dor. Há que proteger o direito à vida, pois toda

a vida é digna; toda a gente tem problemas, embora alguns tenham muitas limitações. A solução não é dar-lhes essa opção, mas investir em que tenham uma boa qualidade de vida e que descubram o sentido desta.

— *Por que acha que uma parte da população (incluindo a maioria dos representantes políticos) se inclina para ver a eutanásia como uma espécie de “mal menor”, em detrimento da conservação da vida do doente grave até ao seu fim natural?*

— Porque não aprofundaram as consequências que implica essa lei, a qual pode arrastar muita gente que nunca admitiu deixar de viver, a examinar a opção e acabar por tomar a decisão de morrer. Também acho que, em geral, estamos numa sociedade egoísta que só pensa nos seus interesses. E muito menos foram escutados os especialistas.

— *Que diria aos que, sem terem estado alguma vez numa condição como a sua, entendem que está na hora de haver uma lei de “morte digna”?*

— Pois que se coloquem no lugar dos doentes e pensem no que se pode fazer para que estes tenham uma vida digna sem necessidade de recorrer à morte. Que o problema é mais complexo do que pensam. Considero que a melhor solução são os cuidados paliativos, que dão acompanhamento, atenuam a dor e ajudam a dar sentido à vida.

L. L.

## A nova dissidência na esquerda

Pouco a pouco, vai ganhando corpo nas fileiras da esquerda anglo-saxónica a contestação à censura politicamente correta em nome da diversidade, uma crise que começou nas universidades e que, com a ascensão do movimento Black Lives Matter (BLM), se fortaleceu nas redações dos diários.

A insatisfação leva tempo a formar-se. Vários analistas situam o ponto de inflexão em meados da década de 2010. Foi por essa altura, [explica](#) o jornalista Andrew Sullivan, que os grandes meios de comunicação iniciaram a popularização de termos da teoria crítica, a doutrina de cariz marxista em que se apoia a [ideologia woke](#): não binário, masculinidade tóxica, supremacismo branco, *queer*, transfobia, etc.

O fruto mais concreto da nova revolta de esquerda contra o iliberalismo *woke* é a [carta](#) publicada na revista “Harper’s”, onde 152 intelectuais denunciaram a intolerância dos que exigem que toda a gente pense e diga a mesma coisa nos debates

relacionados com a raça, o sexo ou a identidade sexual (“Aceprensa”, 8.7.2020).

A esta iniciativa seguiu-se a Declaração de Filadélfia, outro [manifesto](#) contra a “cultura do cancelamento”, desta vez com maioria de subscritores de cariz conservador (“Aceprensa”, 18.8.2020). Mas, num momento em que quase tudo o que vem deste lado político é considerado ultra, pode ser mais eficaz a contestação surgida nas próprias fileiras de esquerda.

Muitos destes dissidentes continuam a apoiar as causas do progressismo cultural. Mas não querem torniquetes ideológicos, e são capazes de ganhar distância do que se passa na sua própria tribo. Um exemplo: numa [entrevista](#) ao historiador das ideias, Mark Lilla, que foi um dos impulsionadores da carta da “Harper’s”, a jornalista faz-lhe notar que muitos consideram que a missiva fazia o jogo de Donald Trump. E Lilla responde: “Eles dirão sempre que ao falar e dizer a verdade estamos a beneficiar o outro lado. Mas a verdade nunca é inimiga da causa” (“El País”, 12.7.2020). Uma atitude que bem poderiam imitar os de direita que evitam qualquer autocritica para não beneficiarem os de esquerda.

O que desencadeou no imediato a carta foi o despedimento, em junho de 2020, do chefe do setor de opinião do “The New York Times”, James Bennet, por ter publicado o artigo de um senador que pedia uma resposta militar aos distúrbios que se seguiram à [morte de George Floyd](#).

A direção do jornal, que a princípio saiu em defesa do debate livre, acabou por alegar que o artigo não cumpria os padrões habituais. Mas os críticos da decisão anotam o facto de Bennet ter caído devido às queixas dos seus companheiros de trabalho, que vieram dizer publicamente no Twitter que o artigo “punha em risco os empregados negros” do jornal.

Não foi a primeira vez que os redatores do “The New York Times” têm um braço-de-ferro com a direção por este tema. Um ano antes, o diretor do diário, Dean Baquet – o primeiro afro-americano no cargo – pediu-lhes que evitassem os epítetos fáceis e que não usassem [o termo “racista” como arma política](#), por muito que lhes fossem desagradáveis as políticas adotadas por Donald Trump. Mas a mensagem não foi do agrado de uma redação que se vê a si mesma lançada numa cruzada moral (“Aceprensa”, 30.8.2019).

O “The New York Times” não é um caso isolado. O jornalista Lionel Barber, que dirigiu o “Financial Times” entre 2005 e 2020, [lançou](#) uma crítica velada ao jornalismo praticado, no qual não poucas vezes espreita a tentação de ativismo: “Hoje existem novas forças em jogo, como o movimento MeToo ou o Black Lives Matter. (...) A diversidade é muito importante, mas não pode ser o nosso princípio organizador. O nosso princípio deve ser informar com autoridade, apresentar factos concretos. Por que é isso o que somos e nem tudo iremos contemplar sob o prisma da diversidade”.

Outras vezes, os meios de comunicação atuam de modo excessivo com soluções expeditivas para deixar claro em que lado da

história se enquadram. Assim aconteceu com o chefe de redação do “The Philadelphia Inquirer”, Stan Wischnowski, forçado a demitir-se – após 20 anos no jornal – devido ao descontentamento dos outros jornalistas com o título que deu a uma coluna que denunciava o vandalismo: “Buildings Matter, Too” (os edifícios também importam), em resposta ao lema adotado pelo BLM.

Pode-se discutir a oportunidade de um título que, segundo os seus críticos, colocava no mesmo nível as vidas e os edifícios, apesar do corpo do artigo não insinuar essa equivalência. O que preocupa é a solução tão drástica que foi adotada. Casos como este são um exemplo do tipo de “castigos precipitados e desproporcionados” alvo de crítica na carta da “Harper’s”.

Poucos dias depois de publicada a carta na “Harper’s”, Andrew Sullivan deixou voluntariamente a revista “New York”. No seu [artigo de despedida](#), explica que se ia embora pelas suas divergências com a direção e com os seus colegas: não entende que estes possam sentir-se feridos de cada vez que ele critica a teoria crítica da raça.

A saturação de Sullivan levou-o a retomar o seu próprio projeto editorial: “The Weekly Dish”, um boletim semanal de pagamento que inclui um artigo de análise, outros dois mais breves, um podcast, um fórum de debate... Esta *newsletter*, distribuída através da plataforma Substack, irá permitir-lhe escrever “sem estar na defensiva” perante leitores com os quais teve frequentes desentendimentos no Twitter. Não evitará o debate (de facto, o fórum do seu boletim é para isso), mas muito menos tolerará faltas de respeito.

Poder-se-ia objetar a Sullivan que, com essa *newsletter*, as suas ideias não terão o mesmo alcance. Mas parece que a sua reação é uma resposta adaptativa a um contexto muito agreste: “O Twitter foi mau para mim; é impossível responder com o mesmo cuidado e matiz que colocava no “Dish” [o blogue que o tornou famoso, antecedente da sua atual *newsletter*]. Se queremos defender o que resta da democracia liberal, não basta expor e criticar o modelo atual. Necessitamos de idealizar e praticar melhor a democracia liberal”.

Outro heterodoxo que iniciou a sua própria *newsletter* na Substack é Matthew Yglesias, cofundador da *web* de análise “Vox” e um dos subscritores da carta da “Harper’s”. O seu caso é um dos mais representativos do que Ben Domenech e Emily Jashinsky [chamaram](#) “The New Contras”, uma espécie de força contrarrevolucionária do pensamento, formada por “jornalistas de centro-esquerda cuja vontade de criticar os excessos do esquerdismo os fez saltar de publicações de destaque para as emergentes plataformas de autopublicação”, como a própria Substack, Patreon ou YouTube (“The Federalist”, 9.12.2020).

Dentro deste fenómeno, é de englobar também os fóruns organizados por feministas que [procuram distanciar-se](#) da agenda *queer* (“Aceprensa”, 28.4.2020), as chamadas depreciativamente “trans-exclusionary radical feminists” (TERF). O objetivo destas feministas é evitar que o apagamento do sexo biológico conduza à invisibilidade das discriminações que afetam as

mulheres, mas muitas vezes são marginalizadas, sob a acusação de incitarem ao ódio contra as “mulheres trans”. Daí que tenham acabado por se refugiar em plataformas de cariz libertário.

A partir de um meio de comunicação *mainstream* como “The Atlantic” (8.12.2020), Kaitlyn Tiffany [acusa-as](#) de viverem em bolhas informativas, alheias ao mundo real. Mas não poderiam dizer o mesmo as *TERF* sobre os meios de comunicação *woke*? E tão-pouco é de esquecer que se não tivessem sido expulsas do espaço público de todos, não necessitariam de se esconder em bolhas.

No Reino Unido, a perseguição anti-*TERF* já atingiu personagens tão mediáticas como a escritora [J. K. Rowling](#), ou feministas de toda a vida, como a ex-colunista do “The Guardian”, Suzanne Moore, ou a historiadora Selina Todd.

Perante estes casos, a colunista da “UnHerd” (17.6.2020), Sarah Ditum, [critica](#) que a esquerda tenha traído o feminismo e se tenha vendido ao ativismo *trans*, por não deixá-las questionar que a autoidentificação de género seja suficiente para ter acesso às instalações reservadas a mulheres, como as casas de banho ou os vestiários. O resultado não pode ser mais paradoxal: impede-se de falar com liberdade as mulheres sobre “questões que afetam diretamente os seus direitos”.

E também é estranho que um único tema se tenha convertido na pedra de toque do progressismo. Pode-se ser uma fervorosa defensora da redistribuição, dos sindicatos ou dos serviços públicos, afirma Ditum, mas se não relativizar a importância do sexo biológico acabará excluída do “pensamento aceitável de esquerda”.

Ditum conclui o seu artigo com um aviso: a esquerda já não pode dar por adquirido o apoio do feminismo. De facto, ela – que se declara pró-aborto – reconhece que nesta discussão concorda muito mais com Ross Douthat, um colunista conservador do “The New York Times” que é pró-vida. “As velhas fronteiras e expectativas já não funcionam”.

J. M.

## “Emociones”

“Emozioni. Istruzione per l’uso”

Autor: Giorgio Nardone  
Herder. Barcelona (2020)  
128 págs.

Não é a razão, mas as emoções que movem o mundo. Assim o pensa Giorgio Nardone, fundador do Centro de Terapia Estratégica. A ciência explica-as, mas não as compreende, porque a sua visão é insuficiente, reducionista. Daí que faça falta uma visão integral. As experiências emocionais determinam as nossas experiências de vida de modo decisivo; até por trás das decisões que são aparentemente mais frias e racionais (de índole militar ou económica, por exemplo) verifica-se que pulsa uma emoção.

As emoções seguem lógicas diferentes do raciocínio: por isso, é necessário conhecer os seus mecanismos de funcionamento, que é o que explica Giorgio Nardone neste pequeno, mas nutritivo livro. Para começar, não devemos reprimi-las, mas orientá-las e utilizá-las. É o que fez perante a cheia destrutiva do rio Amarelo o jovem Yu o Grande, regente da antiga China: em vez de erguer barragens e muralhas, mandou abrir valas e canais para que a água fluísse. A seguir, ordenou a construção dos primeiros moinhos para aproveitar a força da água. É uma perfeita analogia do que temos de fazer com as nossas emoções.

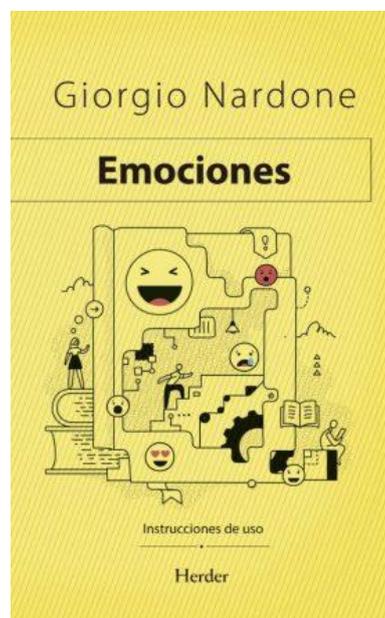
As emoções são como um tigre que levamos dentro de nós. O que podemos fazer com esse tigre para não sermos devorados por ele? Domesticá-lo e libertá-lo para poder cavalgar sobre ele. A chave está, segundo o autor, em “tornar-nos amigos das nossas emoções primárias e aprender a geri-las, transformando-as no nosso ponto forte mais importante”. Saber geri-las permite-nos nada mais e nada menos do que “transformar os nossos limites em recursos”.

Esse tigre selvagem adota quatro formas: o medo, o prazer, a dor e a raiva. Nardone dá-nos pistas de como gerir essas emoções primárias. O medo anula-se com os seus próprios excessos, isto é, tem de se sentir medo para aprender a superá-lo. O prazer podemos-lo controlar, só se soubermos que o podemos permitir regularmente. A dor, como a febre em relação ao corpo, facilita-nos a cura; por isso, deve ser escutada, orientada e utilizada, pois cicatriza as feridas. A ira, por último, temos de a transferir para uma direção que nos permita deixá-la fluir sem causar danos irreparáveis.

Esta abordagem terapêutica pretende abordar as emoções como uma integração entre a nossa psique e o mundo, de modo que, quando forem um impedimento para o desenvolvimento pessoal, sejamos capazes de fazer uma “mudança estratégica”, para usar o título de um dos livros de Nardone. Com as emo-

ções deveríamos vir a fazer o que fez Bodhidharma, o fundador das artes Shaolin, que amestrou de tal modo um tigre, que conseguiu que o levasse sobre a sua garupa.

P. G.



concebiam a política em termos pragmáticos, como uma busca de soluções eficazes para problemas reais. E quarto, encorajavam a desconfiança pelo poder e, conseqüentemente, o respeito pelos contrapesos legais e institucionais de modo a garantir o seu exercício contido.

Esses ideais foram traídos: a direita substituiu o Deus transcendente dos cristãos pelo deus do dinheiro; a esquerda abandonou a pátria pelo discurso identitário. Renunciámos às religiões transcendentais que nos unem e obrigam moralmente a preocupar-nos com os outros, e convertemo-nos à “religião que divide: a religião partidarista”. O resultado é desolador. Ficámos sozinhos e espiritualmente vazios, instalados num individualismo desagregador que levou uns a buscar a sua tábua de salvação política no nacionalismo excludente, e outros no fundamentalismo religioso. Embora o livro de Lapuente seja uma lúcida crítica do presente, é sobretudo uma proposta para sair do narcisismo individual e coletivo em que nos instalámos e que é causa de grande parte dos nossos males políticos. O decálogo que dá título ao livro e que se desenvolve ao longo de dez capítulos, é um gotejar de senso comum para combatê-lo. O seu primeiro mandamento não pode ser mais explícito: “Busca o inimigo dentro de ti”. É a emenda à totalidade da política dominante, na qual o inimigo é sempre o outro.

O livro não será do agrado dos que pensam que a política deve ser desalojada pela economia, que as identidades individuais devem prevalecer sobre a tradição milenar, ou que o amor à pátria exige o ódio pelo diferente. Mas os que sentem que algo vai mal, muito mal, na política e se querem comprometer para o corrigir, encontrarão no livro valiosas chaves.

## “Decálogo del buen ciudadano”

Autor: Víctor Lapuente  
Península. Barcelona (2021)  
272 págs.

Se a política é uma dimensão essencial da vida humana e atualmente sofre um processo de alarmante degradação, parece urgente conhecer o que está a suceder e remediar isso. Víctor Lapuente, um dos politólogos mais ilustres do presente, enceta a tarefa de procurar causas e propor soluções. E fá-lo com um livro tão lúcido na sua abordagem, como atrativo na sua escrita.

Segundo Lapuente, os partidos clássicos de direita e esquerda fundamentavam-se num ideal transcendente: o Deus cristão para os primeiros e a pátria para os segundos. Tais ideais traziam consigo quatro efeitos que tornavam possível o bom desenvolvimento da política. Primeiro, levavam a reconhecer que nenhum de nós era Deus, nem a encarnação da pátria. Segundo, obrigavam-nos a assumir exigentes deveres morais para com os outros e para a comunidade política. Terceiro,

V. B. C.

